

A pandemia dos outros: acolhimento psicossocial intercultural como desintoxicação narrativa e ressignificação existencial

*Sylvia D. Dantas**

*Márcia Zaia***

*Marcella Monteiro de Souza-e-Silva****

*Lívia dos Santos Ferreira*****

*Julia Bartsch******

1 INTRODUÇÃO

Este artigo se baseia no trabalho de Acolhimento Psicossocial Intercultural, sobretudo durante o período de pandemia, desenvolvido no Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo. Fazemos inicialmente uma breve apresentação do projeto, as medidas tomadas diante da deflagração da pandemia. Em seguida, apresentamos nossos pressupostos teórico-

* *Sylvia Dantas - Docente Departamento Medicina Preventiva EPM UNIFESP, Ph.D. em Psicologia social Boston University, Psicanalista e Psicoterapeuta intercultural, Coordenadora do Projeto Acolhimento Psicossocial Intercultural e da Especialização em Saúde Mental Imigração e Interculturalidade, UNIFESP. Vice-coordenadora Grupo Diálogos Interculturais IEA-USP.*

** *Marcia Zaia - Psicóloga Clínica, Mestre em Ciências da Religião - PUC/SP, membro do Projeto Acolhimento Psicossocial Intercultural UNIFESP.*

*** *Marcella Monteiro de Souza e Silva - Bióloga, Psicóloga e Psicanalista membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), Especialista em Saúde Mental, Imigração e Interculturalidade, membro do Projeto de Acolhimento Psicossocial Intercultural UNIFESP.*

**** *Lívia Ferreira - Psicóloga e Auditora Fiscal do Trabalho. Especialista em Saúde Mental, Imigração e Interculturalidade. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UNIFESP. Membro do Projeto de Acolhimento Psicossocial Intercultural UNIFESP.*

***** *Julia Bartsch - Mestranda pelo IPUSP em Psicologia Clínica/Estudos em Psicanálise, Psicóloga, Psicanalista, membro dos Projeto Acolhimento Psicossocial Intercultural UNIFESP e Grupo Veredas USP, ex-presidente do Conselho Administrativo de Médicos Sem Fronteiras Brasil.*

metodológicos que configuram uma abordagem intercultural crítica decolonial psicodinâmica. Apresentamos, a fim de ilustrar essa proposição, algumas dimensões envolvidas nos acolhimentos realizados. Por fim, tecemos algumas considerações acerca do que consideramos ser um trabalho de desintoxicação narrativa e ressignificação existencial.

2 PROJETO ACOLHIMENTO PSICOSSOCIAL INTERCULTURAL

O Acolhimento Psicossocial Intercultural é um subprojeto do Projeto de Extensão “Interculturalidade e cuidado na E/I-Migração”, código 16050, aprovado na Câmara de Extensão da Escola Paulista de Medicina e da Pró-reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Paulo, em 2019. Esse projeto dá continuidade renovada a projetos de Orientação Intercultural desenvolvidos anteriormente tanto na Universidade de São Paulo como em outro departamento e *campus* da UNIFESP (De Biaggi, 2008; Dantas, 2012; Ferreira, Nakazawa, Dantas, 2014) e também voltados para a promoção e prevenção da saúde mental de pessoas que vivem entre fronteiras culturais. Com a aprovação do atual projeto, fizemos sua divulgação através de cartaz enviado *on-line* para coletivos, entidades voltadas para o auxílio de imigrantes e rede de saúde. No cartaz, informamos que realizamos atendimento individual, familiar e em grupo, para migrantes, refugiados, retornados e indígenas. O projeto está também vinculado ao curso de Especialização em Saúde Mental, Imigração e Interculturalidade, oferecido na UNIFESP, que promove a formação de profissionais que trabalham diretamente com essa população. Realizamos parceria com a secretaria municipal de saúde, secretaria de direitos humanos de São Paulo e organizações civis como Missão Paz, Caritas, CRAI, centros de acolhida, centros de direitos humanos, entre outras organizações. A formação envolve não só aulas teóricas mas espaço de supervisão e reflexão grupal, ampliando, assim, o cuidado não só para com a população migrante mas para com o profissional que trabalha com esse segmento da população. Visa, além disso, formar novos multiplicadores com o olhar intercultural em diferentes espaços de atuação. O projeto está também vinculado ao grupo de pesquisa “Contato entre culturas, Imigração, Saúde Mental e Interculturalidade” do diretório de grupos de pesquisa do CNPq. A equipe do projeto é formada por profissionais que fazem parte da equipe docente ou que realizaram o curso de especialização mencionado, profissionais que participaram de projetos anteriores citados acima (Dantas, 2012) ou que têm forte atuação na área intercultural. Ensino, pesquisa e extensão, eixo fundamental da universidade brasileira, se articulam no projeto.

Diante da pandemia do COVID-19, em abril de 2020, divulgamos abertura de vagas para atendimento *on-line*, através de cartaz postado no site do Departamento de Medicina Preventiva. O acolhimento psicossocial intercultural se dá, em geral, através de encontros presenciais semanais ou de forma remota quando o migrante se encontra fora do estado ou em outro país. O atendimento

é gratuito e de tempo limitado. Com a pandemia, a modalidade *on-line* passa a ser realizada por todos os membros da equipe. O cartaz, desde abril, teve mais de mil e oitocentos acessos. O projeto integra as redes solidárias e de cuidados para com imigrantes e refugiados através de plataformas de universidades e centros de direitos humanos em São Paulo (Alexandre, 2020; Hafiz, 2020), iniciativas desenvolvidas no período da pandemia. Para além da pandemia, estamos continuamente ampliando a constituição de uma rede articulada de serviços e ações de saúde mental e demais direitos, construindo uma atenção em rede. As demandas nos chegam através de nosso endereço institucional de e-mail ou por telefone celular *WhatsApp*, disponibilizados na divulgação, por encaminhamento de UBS, CAPs, hospitais, centros de acolhida, organizações civis, organizações não governamentais, coletivos, assim como de forma direta e espontânea por parte do migrante. É apresentado ao participante um formulário de consentimento em que lhe é explicado que, ao mesmo tempo em que lhe será prestado um serviço, realiza-se o aprofundamento do conhecimento acerca do fenômeno migratório através do projeto de extensão universitária, sendo um atendimento de tempo limitado em que todos os dados são confidenciais e mantidos em sigilo. O participante também preenche uma ficha de inscrição em que, além de dados de identificação, local de nascimento, formação escolar, religião, genograma, responde a pergunta sobre o que o fez procurar o serviço nesse momento da vida.

3 POR QUE ACOLHIMENTO PSICOSSOCIAL INTERCULTURAL?

No âmbito da saúde, o acolhimento é entendido como uma tecnologia leve de cuidado, voltada para as relações, uma tecnologia do encontro. Importante lembrar que, em 1978, a Declaração de Alma-Ata da Organização Mundial de Saúde (OMS) foi um marco na mudança da concepção de saúde que, de ausência de doença ou enfermidade, passa a ser entendida como um estado de bem-estar físico, mental, social e direito humano fundamental. A Declaração salienta a interferência da desigualdade social nas políticas de saúde, incluindo a lacuna entre os países ditos desenvolvidos e os países ditos em desenvolvimento. Em 1982, a OMS salienta os fatores psicossociais como fatores-chave nas ações sociais e de saúde. As ações, para serem efetivas na prevenção de doenças e promoção da saúde e bem-estar, precisam basear-se na compreensão da cultura, tradições, crenças e padrões de interação familiar. Fica claro, assim, que saúde e saúde mental são intrínsecas e diretamente vinculadas à possibilidade de uma vida digna como direito humano fundamental.

A abordagem intercultural vem ao encontro da reformulação da concepção de saúde como indissociável das relações sociais, culturais e políticas, e da concepção de uma clínica ampliada (Brasil, 2009). O termo interculturalidade, conforme apresentado anteriormente (Dantas, 2017), assinala uma dimensão

de interação, de contato entre pessoas de culturas distintas, que compartilham diferentes universos simbólicos. Interculturalidade é um termo polissêmico, dependendo da área de conhecimento, país, continente ou época, contém diferentes nuances. Entendemos que estas formam uma composição que nos aproxima do complexo fenômeno do contato entre culturas. A educação intercultural foi inicialmente formulada pela UNESCO em 1978, propondo uma “educação para a paz” e “prevenção ao racismo”. Esse sentido é posteriormente ampliado quando importantes pensadores da área colocam que a interculturalidade só se produz quando um grupo começa a entender e assumir o significado que as coisas e os objetos têm para os outros. A abertura para a interculturalidade depende da renúncia a um ideal de uma realidade totalmente compreensível, posto que a interculturalidade, embora não deva apartar-se da lógica, não pode reduzir-se a um problema lógico. Aponta-se que a maioria dos pesquisadores ocidentais ou ocidentalizados projetam um pensamento causal e “lógico” sobre as manifestações de outras culturas, que, muitas vezes, não corresponde à autocompreensão da população local. O pensamento científico, ainda que possa ser considerado de excelência em seu próprio campo, quando o ultrapassa, pode destruir o universo simbólico de outras culturas. A interculturalidade enfoca a necessidade de privilegiar o diálogo, a vontade da inter-relação e não da dominação. A partir da filosofia, propõe-se uma visão intercultural crítica que implica na descolonização dos saberes, a favor de um equilíbrio epistemológico no mundo. E na área do Direito, interculturalidade também não se limita ao necessário reconhecimento do outro, mas à resistência aos processos de construção de hegemonia e criação de mediações políticas, institucionais e jurídicas que garantam reconhecimento e transferência de poder.

No âmbito da Psicologia, a Psicologia Intercultural surge nos anos 60 a partir da consciência de que grande parte dos estudos na Psicologia são formulações etnocêntricas, já que baseadas em grupos ou amostras de pessoas da América do Norte ou da Europa, países hegemônicos ou centrais quanto à economia e política globais. Faz-se uma crítica das teorias psicológicas que não representam a grande diversidade da população mundial e que são generalizadas para todos os seres humanos. Nós, dos países periféricos como o Brasil, somos formados a partir dessas teorias em nossas instituições de ensino e levados a nos olharmos e nos entendermos conforme uma compreensão ocidental e ocidentalizada de mundo, anulando, assim, nossa grande diversidade.

Os fenômenos psicossociais, a partir do enfoque intercultural, são percebidos de forma ampla, dinâmica e flexível e o desenvolvimento humano e suas manifestações são vistos como decorrentes da relação dialética entre o sujeito e os contextos culturais e sociopolíticos (Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 1992). O campo da psicologia intercultural é vasto, mas seu denominador comum corresponde à perspectiva universalizante da suposição de que processos psicológicos são compartilhados por todos os humanos, mas sua forma de desenvolver-se e de expressá-los varia conforme a cultura.

Como explica Flores (2002), a cultura não é uma entidade alheia ou separada das estratégias de ação social, ao contrário, é uma resposta, uma reação à forma como se constituem e se desenvolvem as relações sociais, econômicas e políticas, em tempo e espaço determinados. Assim, na análise de um sistema cultural, faz-se necessário analisar a situação sócio-histórica que o produz, pois as culturas nascem de relações sociais que são sempre fruto de sistemas de relações desiguais (Cucho, 1999). Toda cultura é um processo permanente de construção, desconstrução e reconstrução que, em tempos de rápidos deslocamentos e constante contato intercultural, torna-se extremamente dinâmico. Cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração para geração, e, sim, uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e, mais precisamente, na história das relações dos grupos sociais entre si.

Nosso trabalho desenvolve-se a partir dessa compreensão. Nossas equipes são formadas por profissionais de diferentes linhas teóricas na psicologia, propiciando o diálogo e ampliação teórico-técnica. Essa diversidade vem ao encontro da desconstrução de uma ideia da existência de uma linha teórica sobre o funcionamento mental que seja universal. Mais do que isso, no campo da interculturalidade em saúde mental, colocamos em xeque as premissas da lógica ocidental construídas sobre saúde e enfermidade, suas formas de cura e técnicas terapêuticas. Na perspectiva intercultural, é imperativo compreender etnograficamente as culturas em contato. A experiência do campo da etnografia supõe um olhar amplo, descentrado e de transformação de si mesmo a partir do próprio estranhamento. Afinal, a fim de entender o outro precisamos compreender que nossa forma de ser não é natural. É preciso que possamos nos estranhar e, ao mesmo tempo, termos claro o que nos constitui para não incorrerem em reducionismos ou distorções baseados em nosso universo cultural (Dantas, 2009).

Com essa perspectiva, utiliza-se uma ampla base de teorias para organizar dados e análises, mas a abordagem intercultural caracteriza-se por um conjunto único de métodos. Como explica Paiva (2004), “essa consciência deu origem a duas vertentes de pesquisa, que, na esteira do linguista K.L. Pike, poderiam ser denominadas de *êmica* e de *ética* (de *fonêmica* e *fonética*). A vertente êmica desenvolveu-se como psicologia cultural, e a vertente ética como psicologia intercultural que, a partir de um ético provisório, aborda os êmicos culturais e deles deriva um novo ético mais abrangente”. A abordagem êmica considera aspectos específicos de uma cultura, estuda-se o comportamento a partir do interior do sistema; examina-se uma cultura apenas; o analista descobre a estrutura; os critérios são relativos às características internas. A abordagem ética considera aspectos gerais, em que se estuda o comportamento de uma posição externa ao sistema; examinam-se mais culturas, comparando-as umas com as outras, a partir de um ético provisório, aborda os êmicos culturais

e deles deriva um novo ético mais abrangente, universal. O desafio para o profissional que se lança para além de seu *milieu* cultural é o peso que dará ao universal e ao culturalmente específico e como mudar de uma referência à outra ou como combinar ambas. Além do eixo *Êmico-Ético*, o outro eixo que caracteriza as abordagens interculturais em saúde mental é o eixo *Autoplastic-Alloplastic* que se refere a nossas respostas a situações em que mudamos a nós mesmos (autoplastic) ou ao ambiente (alloplastic) ou combinando estas duas operações em diferentes proporções. As psicoterapias ou orientações entre culturas ocidentais ou ocidentalizadas muitas vezes estão norteadas a mudar o indivíduo em oposição a tê-lo mudando o ambiente. Favorece-se um objetivo implícito de um maior grau de conformismo direcionado ao indivíduo considerado socialmente e culturalmente distinto do padrão dominante. Ambos os eixos baseiam-se no pressuposto da abordagem intercultural que questiona as formulações etnocêntricas das teorias e técnicas psicológicas ainda vigentes.

Daí constituir-se como uma área na psicologia ancorada em diversas disciplinas como a antropologia, demografia, economia, ciências políticas, sociologia e história. Conforme mencionado anteriormente (Dantas, 2012), o trabalho terapêutico intercultural é uma área emergente, destacada por seu potencial e por ser um campo que desafia a considerar nossos pressupostos, valores, métodos como culturalmente limitados e, portanto, sob suspeita.

O contato contínuo entre culturas envolve uma sequência de processos muitas vezes únicos a esse fenômeno e que têm sido investigados na psicologia intercultural. Conceitos como aculturação psicológica, estresse de aculturação, têm nos sido úteis para realizar uma intervenção psicossocial a partir de uma compreensão que contextualiza o fenômeno migratório, articula as dimensões envolvidas e permite uma visão ampla das implicações da inserção em ambientes culturais distintos. A aculturação psicológica consiste em um processo pelo qual os indivíduos passam, decorrente de uma mudança de contexto cultural e que supõe o contato contínuo com outra cultura (Berry, Poortinga, Segall & Dasen, 1992). Em 1936, uma subcomissão do Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais dos EUA, composta por R. Redfield, R. Linton e M. J. Herskovits, empenhada na definição do termo, publicou um relatório onde se afirma que: “A aculturação compreende os fenômenos que surgem quando grupos de indivíduos de culturas diferentes entram em contato direto e contínuo, ocasionando mudanças nos padrões culturais de um ou de ambos os grupos” (R. Redfield, R. Linton e M. J. Herskovits, 1936). Um processo que é um aspecto de mudança cultural e diferente de assimilação, que pode ser uma fase daquela. Comumente confunde-se processo aculturativo com assimilação. É importante destacarmos esse equívoco com relação ao conceito original. Pensar no processo aculturativo nos auxilia a despatologizar o fenômeno migratório, uma vez que esse processo em geral ocorre com todas as pessoas que mudam de *milieu* cultural. Somos

seres que nos constituímos nas e pelas relações sociais que são culturais. O processo aculturativo constitui um processo de ressocialização. A mudança de cultura coloca em xeque o modo de ser, o modo de ver o mundo, o modo de se ver e o modo de se relacionar, trazendo à tona a questão de quem se é, ou seja, a própria identidade. Cabe lembrar que nosso senso de identidade é desenvolvido a partir da conexão com os outros (Grinberg e Grinberg, 1984; Winnicott, 1975). Essa conexão, aliada ao processo de reflexão e observação simultâneas, é a base da formação identitária. Somos socializados em uma determinada cultura, um processo ontogenético que implica em um certo grau de interiorização através do qual a pessoa se torna membro de uma sociedade. Isso significa uma incorporação marcante de formas de sentir, de pensar e de agir que envolvem processos de identificação intensos.

Concepções de gênero, de família, trabalho, amizade, saúde, enfim, todas as dimensões da vida são atravessadas pela cultura. Adentrar um outro universo cultural representa uma ruptura expressiva do quadro de referência anterior, de sentido e pertencimento. A mudança impõe perdas já que deixa para trás o que era familiar. Além disso, tem de ajustar-se a um novo ambiente onde o que antes era parte da rotina, torna-se um desafio diário. Esse processo não é trivial, o contato entre culturas é naturalmente gerador de estresse. Em situações de estresse somos afetados, nosso organismo responde, alterando o equilíbrio de substâncias bioquímicas (como cortisona, serotonina, adrenalina), causando desde uma cefaleia até doenças graves. É comum que ocorra aumento de ansiedade, depressão, sentimentos de marginalização e alienação, aumento de sintomas psicossomáticos e confusão identitária. Daí a utilidade do modelo de estresse de aculturação, pois vemos que o grau desse estresse varia em função de um conjunto complexo de fatores contextuais e pessoais vivenciados. Ressaltamos, portanto, que quem migra não constitui um problema ou é uma pessoa necessariamente traumatizada. Grande parte do problema está em como as sociedades acatam as transformações sociais decorrentes de uma pluralidade dinâmica. Contudo, é fundamental termos em mente que essa dinâmica é atravessada por um padrão de poder mundial. Quijano (2002) desenvolve nesse sentido o conceito de colonialidade do poder. Um padrão de poder que se baseia na articulação da ideia de “raça” como fundamento do padrão universal de classificação social básica e de dominação social; no capitalismo, como padrão universal de exploração social; no Estado-nação, como variante hegemônico do controle da autoridade coletiva e, no eurocentrismo, como forma hegemônica de controle da subjetividade/intersubjetividade. Conforme mencionado acima, na análise de um sistema cultural, faz-se necessário analisar essa situação sócio-histórica que o produz.

A partir dessa compreensão, apresentamos a seguir algumas dimensões envolvidas na mobilidade em tempos de pandemia e considerações sobre casos acolhidos a fim de ilustrar o trabalho realizado no Projeto de Acolhimento Psicossocial Intercultural.

4 DEMANDAS E DIMENSÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Através do Projeto, temos acolhido pessoas em situação de refúgio da Venezuela, Síria, Palestina, Congo, imigrantes da Guiné-Bissau, Peru, Bolívia, Argentina, Nepal, Malásia, descendentes de imigrantes latino-americanos, pessoas vítimas de tráfico, brasileiros retornados de países europeus e da América do Norte. A faixa etária dos participantes, até o momento, varia de 16 a 45 anos.

4.1 Trabalho como fator para ficar ou partir

A migração, quando não realizada de forma literalmente forçada, ocorre em geral pela busca de uma vida mais digna, o que envolve várias esferas da vida, como moradia, educação, saúde, lazer e trabalho. No mundo atual, a principal forma de se auferir renda para subsistência é através do trabalho. O mundo do trabalho tem passado por profundas transformações. Se, antes da pandemia, já havia previsão de muitas perdas de postos de trabalho, esse processo foi acelerado abruptamente com a COVID-19, tendo provocado desemprego ao lado da crescente taxa de informalidade no mercado de trabalho. De acordo com Cunha Junior (2020), as pessoas migrantes se somam aos mais de 39 milhões sem carteira assinada que hoje fazem circular uma economia subterrânea no Brasil.

Todo processo migratório pode ser sociologicamente analisado através de duas abordagens principais. Numa perspectiva mais tradicional, o modelo “push-pull” (repulsão e atração) caracteriza-se por entender que um desequilíbrio na oferta e demanda de trabalho determina o processo de migração internacional. Proponentes desse modelo enfatizam o lado individual do movimento, ou seja, os indivíduos são motivados a sair de seu país com pouca oferta de trabalho e/ou remuneração e migrar para países onde há empregos. Já uma perspectiva histórico-estruturalista abrange o cenário global e há uma compreensão mais ampla, conforme apontado acima, no que se refere a um padrão mundial de poder. Os investimentos, as trocas macroeconômicas entre os países e a crescente influência e imposições econômica, política e social que países hegemônicos exercem em suas periferias são os catalisadores da imigração internacional (Dantas, 2015).

Assim como os imigrantes no Brasil, brasileiros imigrantes no exterior, que migraram em busca de oportunidades de trabalho, também se deparam com o acirramento da fragilidade da condição migrante diante da pandemia. Surge aí o conflito de retornar ou não ao país natal. Dentre as questões do retorno, recebemos um jovem emigrante brasileiro que, tendo ficado desempregado em país europeu, cogita voltar para o Brasil. Contudo, teme que o regresso signifique a volta à casa dos pais, caso não consiga um emprego. Uma situação concreta.

Por um lado, na discussão do caso, a equipe aventava a hipótese de uma certa imaturidade emocional por parte do rapaz, que pensa em novamente aventurar-se em trabalhos temporários e de extrema precariedade. De outro, o cenário de extinção de empregos e de precariedade no mundo do trabalho, agravado pela pandemia, muda o foco para a necessidade concreta de um possível retorno e suas implicações. A percepção dessa realidade de forma madura, em que se pergunte como se vê como homem e possa se preparar emocionalmente para que o regresso não signifique regressão, mas uma construção de caminho viável. Evita-se assim a psicologização da realidade social, como sendo algo apenas individual, a complexidade do contexto é compreendida pelo terapeuta intercultural e inserida no acolhimento.

4.2 Aspectos da religiosidade no atendimento intercultural em tempos de pandemia

A dimensão da relação com o transcendente emergiu na interpretação do motivo /causa da pandemia, no significado que a crise adquire para si e para o mundo. Essa construção é subjetiva e passa pela história de vida e conexão com valores individuais. A pandemia podia ser entendida como punição divina ou como necessidade de se dar maior atenção, por exemplo, à *Pachamama*, resgatando a relação com a natureza, ou, ainda, como produto de um capitalismo desenfreado.

Considerar a dimensão religiosa é fundamental na abordagem intercultural no que concerne à compreensão da identidade (religiosa ou não) do imigrante. A religião, entendida como pertencente à ampla gama do repertório cultural e como formadora da identidade cultural (étnica, religiosa), está presente nos fatores moderadores anteriores à imigração e também durante a aculturação. A nosso ver, ela participa durante todo o processo aculturativo, em aspecto mais amplo e institucionalizado (religião) e também na dimensão individual (religiosidade).

Geertz (1989) afirma que as religiões são modelos do mundo para o mundo, funcionam como um ordenamento do cotidiano, regulam comportamentos, oferecem modelos explicativos e fórmulas de boa convivência. Grom (1994) acrescenta que a religiosidade é condicionada pela cultura e pela socialização. É marcada pelas relações nas quais o crente insere-se – indivíduos, grupos e instituições – e pela maneira como interage com estas instâncias. Isto não exclui o fato de que cada um dos indivíduos ou grupos concretos possam percorrer caminhos próprios e viver a fé de sua comunidade de uma maneira pessoal e criativa, mas em todos os casos, as vivências e os pensamentos se desenvolvem sempre sob condições e influências de natureza fundamentalmente psicossocial. A religiosidade nos remete à dimensão idiossincrática e subjetiva do

indivíduo, à experiência pessoal e singular no modo de vivenciar o fenômeno religioso (Amatuzzi, 2005). De qualquer forma, imaginamos que essa experiência do divino está condicionada às mediações do universo simbólico religioso ou não religioso no qual as pessoas estão submersas desde a infância. Religião e cultura se concretizam em comportamentos. Na prática de acolhimentos de imigrantes, é de extrema importância estarmos atentos aos diversos universos culturais e seus símbolos. Scorsolini (2015) ressalta a importância de o profissional entender, resgatar e compreender o *ethos*, evitando o julgamento das regras culturais. Tais regras estabelecidas podem oferecer sentido à vida e à convivência daquela pessoa. Ainda nesse sentido, convém lembrar que, como profissionais, também estamos inseridos em um modelo cultural que organiza nosso cotidiano, nossos valores e compreensão da vida e que isso se reflete na nossa prática .

A experiência de atendimentos no acolhimento intercultural, durante a pandemia, coloca-nos muito próximos do universo do outro. Estamos diante da mesma ameaça. Nos atendimentos, a clássica pergunta “como você está?” partia também das pessoas atendidas, evidenciando preocupação pela saúde do terapeuta. A experiência da horizontalidade na relação terapêutica estava presente. A ameaça do vírus fez surgir um “nós”. Todos vivíamos a restrição de liberdade, a ameaça que provém de um inimigo invisível. Todos sentíamos angústias, medos. Fomos obrigados a atravessar por lutos reais e simbólicos. Nossos atendimentos foram humanizados, aproximando e quebrando fronteiras. Experimentar esses “nós” é fundamental no atendimento de imigrantes. Resgatar o sentimento de pertença e unidade pode tornar-se extremamente significativo no caso de atendimentos realizados com deslocados. Esse compartilhar fragmentos de intimidade, um gato passando, os livros expostos, uma foto que aparecia atrás do vídeo, construía um elo. Pontes e elos são imagens fundamentais na perspectiva intercultural.

Elo esse que pode ser resgatado em uma das acepções da palavra religião, o *religare*. A pandemia nos confronta com a nossa mortalidade e finitude. É o momento de ressignificar nossa visão de mundo. O imigrante, em geral, está fazendo isso de forma intensa. A religiosidade e /ou a relação com a transcendência, em momentos de crise, podem oferecer reconexão e disposição para enfrentar crises. A partir de uma perspectiva psicanalítica, Grinberg e Grinberg (1984) afirmam que o imigrante necessita de um espaço potencial que lhe sirva de lugar de transição entre o país (objeto materno) e o novo mundo externo, o espaço potencial. A aproximação do tema morte constela angústias e questionamentos em termos existenciais. Fowler (1992) nos apresenta o conceito de fé como algo que pode ser engendrado em uma tradição religiosa e sua doutrina, porém ressalta que é uma qualidade da pessoa, e não do sistema. A fé é uma orientação da personalidade em relação a si mesmo, ao próximo, ao universo, uma capacidade de viver além de um nível mundano, de ver, sentir, e agir em termos de uma dimensão transcendente.

O atendimento, em algumas sessões, tornava-se o espaço fundamental para essa reflexão que ultrapassava, naquele momento, os limites do individual, avançando em direção às cosmovisões, ideologias e concepções sobre a *anima mundi*: aspectos inerentes à abordagem intercultural e conteúdos relativos aos temores em relação aos familiares e amigos distantes, dificuldades financeiras, vida e trabalho e o racismo brasileiro. Grande parte das pessoas que imigra está tentando se adaptar, precisa inserir-se, relacionar-se, trabalhar e reconstruir um mundo que foi deixado, do ponto de vista concreto e simbólico. O espaço oferecido no acolhimento intercultural ajuda a construir uma ponte. Estávamos diante da mesma ameaça, embora reconhecendo que, muitas vezes, com condições diferentes de acesso à saúde e ao trabalho, sabemos o quanto a pandemia evidenciou as desigualdades no país e no mundo.

4.3 Gênero e interculturalidade

A categoria gênero é um importante fator no que diz respeito às dinâmicas de mobilidade. Como lembra Haraway (2004), trata-se de um sistema de relações sociais, simbólicas e psíquicas no qual homens e mulheres estão diferentemente alocados. Constitui uma construção social, histórica e cultural, de imagens e expectativas em relação ao feminino e masculino, em geral definida em torno de ideias sobre traços de personalidade e tendências de comportamento que assumem frequentemente formas opostas (Haraway, 2004). Conforme Bourdieu (1999), somos produto de um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social que produz, nos corpos e nas mentes, uma inversão da relação entre as causas e os efeitos, naturalizando uma construção social (os gêneros como *habitus* sexuais).

Em um mundo de hegemonia heteronormativa branca patriarcal eurocêntrica, gênero, raça e classe são indissociáveis e atravessam a experiência migratória. Se, de um lado, mesmo antes da pandemia, grande parte das mulheres dos fluxos de migração Sul-Sul e de contextos de guerra já enfrentavam longas jornadas de trabalho precarizado, sobrecarga com o cuidado da casa e dos filhos, essa situação é agravada com a pandemia. Como se constatou, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em diferentes países do mundo verifica-se o crescimento da violência doméstica e o crescimento do número de feminicídios.

O acolhimento intercultural emerge como lugar de continência, acompanhamento e cuidado, além da possibilidade de uma ressignificação de narrativas impostas, no sentido de fortalecimento e encontro consigo mesmo. A fim de ilustrar esse trabalho nesse sentido emancipatório, lembramos o caso de Rosa. Mulher latino-americana, filha de camponeses, é a primeira pessoa da família a cursar a universidade. Sua decisão de continuar os estudos de pós-graduação no Brasil não é bem vista pelos pais que acreditavam que sua

prioridade deveria ser o cuidado da família em sua terra natal onde, diante um contexto de condições econômicas precárias para a população em geral, tinha uma ocupação, deveria portanto contentar-se. No decorrer das conversas com a terapeuta, Rosa vai se dando conta, com desconforto, ao inserir-se em um meio sociocultural que lhe oferece representações sociais de gênero relativamente mais igualitárias em comparação às do local de origem, do quanto o marido está atrelado aos papéis de gênero mais tradicionais. Em seu trabalho acadêmico, volta a “escutar” as recriminações da mãe que não apoiava sua vinda ao Brasil para estudar. Rosa está povoada de vozes maternas/paternas e não consegue apropriar-se de seus recursos, sentindo-se órfã de seus próprios predicados e confusa internamente sobre as referências em que se pautar: aquelas de sua família e cultura de origem ou as adquiridas aqui no Brasil. Como lembra Dantas (2009): “A pressão social e expectativa de conformação a padrões mais conservadores ou mais igualitários em diferentes culturas exerce forte influência nas relações cotidianas dessas mulheres e no sentido de quem são” (pg. 107). No acolhimento, Rosa é convidada a refletir sobre essas questões. A conversa abre a possibilidade de Rosa se conectar consigo mesma, se diferenciar dos padrões de caráter superegóico internalizados de seus pais e apropriar-se de e legitimar seus recursos. Passa a ter uma visão mais integral de si, do marido e do caminho que busca construir.

4.4 Migração forçada e contato com o ser visto como objeto

No que diz respeito à migração forçada, a conquista da sobrevivência física não se fecha em si. Há ainda um caminho a percorrer para assegurar a sobrevivência psíquica. A emigração é romper. Segundo Kaës (1978, p.12), o que mantém a integridade psíquica do sujeito, em especial em momento de crise, é o grupo ao qual ele pertence e sua cultura, “(...) sobretudo na capacidade de aportar um aparato psicossocial que assegure a continuidade supletória e a contenção da experiência de ruptura.” Rompimentos não elaborados, processos de sobrevivência e identificação de laços possíveis nesse lugar que, muitas vezes, reforça a própria estrangeiridade.

Em terras brasileiras, muitos imigrantes, em especial vindos de países da África negra, se deparam com a violência estrutural do racismo no país de acolhimento. Fanon (2013, p.107) relata sua experiência na França ao deparar-se com o olhar europeu: “Eu chegava no mundo, ansioso para entender as coisas, minha alma cheia de desejo de estar na origem do mundo, e eis que eu me descobria objeto de outros objetos”. Embora não na Europa, esse olhar eurocêntrico perpassa as relações sociais em um país com mais da metade de sua população sendo negra. Se, até então, a cor da pele não era um fator de distinção, este passa a ser fator de discriminação e real obstáculo a uma desejada inserção digna. O racismo vem, portanto, como um aliado desse movimento

que coloca o outro como o “que não é”. Durante a epidemia do Ebola que se deflagrou em países africanos, agressões foram dirigidas não só a imigrantes negros vindos da África, mas também àqueles vindos do Haiti, comumente chamados de africanos por muitos brasileiros, embora o país se situe no Caribe. O que estes tinham em comum era a cor da pele. Como aponta Ventura (2020), “Estigma e xenofobia têm por efeito, em especial durante uma epidemia, não apenas disseminar a violência verbal e física contra suas vítimas. Também leva as populações estigmatizadas a temer as sociedades e as autoridades, e a se afastar dos serviços de saúde...” (VENTURA, 2020, p.96). Vemos assim como os efeitos do racismo e da xenofobia ameaçam, no contexto da pandemia, não só a saúde mental como também os cuidados com a saúde em si.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mencionado acima, um trabalho psicossocial pautado em uma perspectiva intercultural crítica decolonial e psicodinâmica considera o contexto sociopolítico de pessoas e grupos em mobilidade e suas implicações profundas. Em tempos de pandemia, grupos minoritários, como imigrantes e refugiados, são comumente utilizados como bodes expiatórios de um fenômeno político-econômico. Configurações de um contexto e conjuntura que criam narrativas excludentes, estigmatizantes e obstaculizam o direito a uma vida plena e digna por grande parte da população no mundo. Uma pandemia desses “outros”, uma minoria nesse sistema mundial responsável pela manutenção de estruturas que racializam, inferiorizam e desumanizam (Walsh, 2010). Em nosso trabalho em saúde mental, nas questões relativas à migração, a postura intercultural tem sido fundamental para que possamos trabalhar no sentido da promoção e prevenção para o bem-estar e quebrar o círculo vicioso de uma prática e mentalidade pautada em um conhecimento eurocêntrico-norte americano, a postura intercultural tem sido fundamental. Faz-se um constante trabalho no sentido de desconstruir narrativas hegemônicas internalizadas por todos de uma forma ou de outra, inclusive pelos próprios terapeutas que, induzidos por teorias e formações etnocêntricas, muitas vezes reproduzem, de forma explícita ou sutil, essa forma de estar no mundo. Através desse trabalho, temos observado que possibilitamos uma ressignificação existencial para nossos participantes assim como para nossa prática em saúde mental.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDRE, G. **Iniciativas de acolhimento emocional e atendimento psicológico**. Abril 2020. Disponível em <http://cdhep.org.br/acolhimento-emocional-e-atendimento-psicologico/?fbclid=IwAR1qsJXH9CwfITCPRnv27XSmCYKbs4ysPCLar_XNyWlsaKjweiHjbQiPe7U>. Acesso em 26 Set 2020
- AMATUZZI, M. (org). **Psicologia e espiritualidade**. São Paulo: Paulus, 2005.
- BERRY, J., POORTINGA, Y., SEGAL, M. & DASEN, P. **Cross-cultural Psychology: Research and Applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- CUNHA JR. J.R.A. Considerações sobre o futuro do trabalho, desemprego e trabalho decente. In: **Futuro do trabalho no Brasil: Perspectivas e Diálogos Tripartites**. OIT – Organização Internacional do Trabalho. 2018.
- DANTAS, S. D. Mulheres entre culturas e seu mundo emocional: a possibilidade de ouvir a própria voz ou o silenciar do eu. In: **Oralidades: Revista de História Oral**. Núcleo de Estudos em História Oral – USP, vol. 6 (jul./dez). 2009.
- _____. Saúde Mental e Interculturalidade: Implicações e Novas proposições diante dos desafios em tempos de Globalização. In: DANTAS, S.D. (org.) **Diálogos interculturais: Reflexões Interdisciplinares e intervenções psicossociais**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012.
- _____. Subjetividade e migração: Uma abordagem intercultural profunda a partir das migrações brasileiras. In Guanaes-Lorenzi, C.; Motta, C.; Borges, L.; Magda do Canto Zurba, M.; Vecchia, M. **Psicologia Social e Saúde: da dimensão cultural à político-institucional** Florianópolis: ABRAPSO, pág. 72-91, 2015.
- _____. Saúde mental, interculturalidade e imigração. **Revista USP**, [S. l.], n. 114, p. 55-70, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142368>> . Acesso em: 27 set .
- DEBIAGGI, S. D. Nikkeis entre o Brasil e o Japão: desafios identitários, conflitos e estratégias . **Revista USP**, [S. l.], n. 79, p. 165-172, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13702>> . Acesso em: 27 set. 2020.
- FANON, F. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Points, 2013.
- FERREIRA, A., NAKAZAWA, C., DANTAS, S. Formação de Psicoterapia e Orientação Intercultural. In: IV Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão, 2014, São Paulo. **Anais IV Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília DF: Conselho Federal de Psicologia, 2014. < <http://www2.pol.org.br/inscricoesonline/cbp/2014/anais/detalhe.cfm?idTrabalho=13195> >. Acesso em 27 Set. 2020

- FLORES, J.F. Direitos humanos, interculturalidade e racionalidade de resistência. **Sequência: Estudos Jurídicos e Políticos**, v.23 n.44, 2002. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15330/13921>>. Acesso em 11 Jul. 2017
- FOWLER, J. W. **Estágios da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GRINBERG, L.; GRINBERG, R. **Psicoanálisis de la migración y del exilio**. Madrid: Alianza Editorial, 1984.
- GROM, B. **Psicología de la religión**. Barcelona: Editorial Herder, 1994.
- HAFIZ, M. **Plataforma colaborativa reúne ações de solidariedade a imigrantes e refugiados durante a pandemia**, Maio 2020. Disponível em <<http://www.comciencia.br/plataforma-colaborativa-reune-acoes-de-solidariedade-a-imigrantes-e-refugiados-durante-a-pandemia/>>. Acesso em 27 Set. 2020
- HARAWAY, D. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cad. Pagu** nº22, p. 201-246, June 2004 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 Set. 2020
- KAËS, R. El apoyo grupal del psiquismo. In: **Temas de psicología social**, Buenos Aires, 1978
- PAIVA, G.J. Apresentação. In: DeBiaggi, S. e Paiva, G.J., **Psicologia, e/imigração e cultura**. SP: Caso do Psicólogo, 2004.
- QUIJANO, A. Colonialidade, poder, globalização e democracia. **Novos rumos**, no. 37, 2002.
- REDFIELD, R., LINTON, R. AND HERSKOVITS, M. Memorandum for Acculturation. **American Anthropologist**, 38, 149-152, 1936. < <https://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1525/aa.1936.38.1.02a00330>>. Acesso em 27 Set. 2020
- SCORSOLINI-COMIN, F. Elementos do aconselhamento multicultural aplicados à psicoterapia em contexto etnopsicológico. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p.587-607, jul. 2015. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812015000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 21 jun. 2020.
- VENTURA, D.F.L. Pandemia e estigma: Notas sobre as expressões “Vírus chinês” e “Vírus de Wuhan”. In: **Migrações internacionais e a pandemia de Covid-19**. Campinas: NEPO/ UNICAMP, 2020
- WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In: Viaña, J., Tapia, L. & Walsh, C.(org) **Construyendo interculturalidad crítica**. La Paz: III-CAB, pág. 75-96, 2010.
- WINNICOTT, D. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1975.

RESUMO

Este artigo se baseia no trabalho desenvolvido no Projeto “Acolhimento Psicossocial Intercultural” oferecido a imigrantes, descendentes de imigrantes, refugiados, retornados e indígenas, sobretudo durante o período de pandemia, no Departamento de Medicina Preventiva da Universidade Federal de São Paulo. O projeto dá continuidade renovada a projetos desenvolvidos anteriormente na Universidade de São Paulo e em outro *campus* da UNIFESP. É apresentada a perspectiva intercultural crítica decolonial e psicodinâmica em que o projeto se pauta. Através de algumas das dimensões envolvidas na mobilidade, e ilustrado por considerações acerca de casos acolhidos, permitimos a desconstrução de narrativas hegemônicas internalizadas.

Palavras-chave: acolhimento psicossocial; interculturalidade crítica; imigração; pandemia

ABSTRACT

The present article is based on the work developed at the “Intercultural Psychosocial Care” Project offered to immigrants, descendants of immigrants, refugees, returnees and indigenous people, especially during the pandemic period at the Department of Preventive Medicine at the Federal University of São Paulo. The project gives renewed continuity to projects previously developed at the University of São Paulo and on another UNIFESP campus. The decolonial and psychodynamic intercultural critical perspective on which the project is based is presented. Through some of the dimensions involved in mobility and illustrated by considerations about attended cases we allow migrants to deconstruct internalized hegemonic narratives

Keywords: psychosocial care; critical interculturality; immigration; pandemic